

ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA E A TECNOLOGIA: OS ASPECTOS COMPORTAMENTAIS DO ADOLESCENTE A PARTIR DE SUA INTERAÇÃO COM O TELEFONE CELULAR

Rosimeire Gomes da Silva Pressi¹
Tathiana Martins Carvalho²

RESUMO

A dependência do uso do celular vem aumentando a cada dia, em diferentes faixas etárias, mas, principalmente, na adolescência- em que os jovens costumam deixar a vida real pela virtual. Este artigo tem como objetivo geral identificar quais as implicações do uso do telefone celular no comportamento social do adolescente. Os objetivos específicos são: caracterizar o desenvolvimento psicossocial típico deste período da vida; descrever comportamentos sociais específicos do uso continuado do aparelho celular na fase da adolescência; compreender a contribuição da Psicologia para possíveis intervenções no comportamento social dos jovens a partir do uso do telefone celular. Esta investigação tem por natureza descritiva, quanto aos meios é feita a partir de uma breve revisão bibliográfica e pesquisa de campo em que foi feito um questionário e grupo focal, sendo qualitativa quanto aos fins. Para a coleta de dados foi elaborado um questionário com 12 perguntas abertas, direcionado aos participantes de conveniência - dez adolescentes do Ensino Médio de uma escola pública de Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil. A análise de dados baseou-se na metodologia de análise de conteúdo. A partir da análise, pode-se observar que os comportamentos sociais dos adolescentes sofrem influências a partir da sua relação com o telefone celular como: a troca do diálogo real pelo virtual, a preferência em ficar sozinho, sentir se acompanhando através do celular; não conseguir desconectar durante as aulas, sentir o aparelho celular como extensão do corpo. Cabe ressaltar, ainda, que o papel da Psicologia é indispensável na proteção social e promoção de educação em saúde, buscando a prevenção. Diante do tema investigado, sugere-se uma pesquisa com maior número de participantes, em diferentes escolas, sendo elas privadas e públicas, a fim de ampliar a pesquisa para verificar se ocorrerão resultados diferentes entre uma escola e outra, e também entre classes sociais distintas.

Palavras chave: Adolescentes. Telefone celular. Redes sociais. Comportamento. Contribuição da Psicologia.

ABSTRACT

The dependence on cell phone use has been increasing every day in different age groups, but especially in adolescence, where they leave the real life to focus on the virtual. This article aims to identify implications of cell phone use in adolescents' social behavior. The specific objectives are: to characterize the psychosocial development of adolescents typical of this period of life; to describe specific social behaviors of the constant use of the mobile device during adolescence; to understand the contribution of Psychology to possible interventions in the social behavior of young people from the use of the cell phones. This research is of descriptive nature, as far as the means is made from a brief bibliographical review, and a field research in which was done a survey and focal group, being qualitative as to the ends. For the data collection, a questionnaire with twelve open questions was elaborated. The participants, from a convenience sample, were ten high school teenagers from a public school in the city of Sete Lagoas, Minas Gerais, Brazil. Data analysis was based on content analysis. The results indicate that the social behaviors of adolescents are influenced by their relationship with the cell phone as: the exchange of real dialogue by the virtual, the preference in being alone, feeling accompanied when carrying the cell phone; not being able to disconnect during classes, feeling the mobile device as an extension of the body. It is important to emphasize that the role of psychology is indispensable in social protection and promotion of health education, seeking prevention. In view of the subject researched, it is suggested a research with larger numbers of participants, in different schools, being they private and public, in order to increase the a

¹Graduanda em Psicologia, Faculdade Ciências da Vida - FCV/Sete Lagoas-MG. E-mail: rosegomespressi@hotmail.com

²Professora do curso de Psicologia, Faculdade Ciências da Vida - FCV/Sete Lagoas-MG. E-mail: tathimcarvalho@gmail.com

research to verify if different results will occur between one school and another, and also between different social classes.

Keywords: Adolescents. Cell phone. Social network. Behavior. Contribution of Psychology.

INTRODUÇÃO

A interação com o telefone celular pode ser percebida como uma das imprescindíveis conexões de compartilhamento de convicções. Mais complicado que a ação da linguagem, o falar é entender uma série de cifras que venham a desencadear-se em um sistema social. Seguindo essa concepção, podemos compreender o consumo como uma atividade de comunicação, um fato relacional relevante para a estruturação da vida em um corpo social (MELO, 2016).

No Brasil, estima-se que há 22 milhões de nativos digitais no telefone celular, nascidos e desenvolvidos a partir do início década 1980, no período dos aparelhos de celulares conectados à internet. Contradizendo previsões de que a tecnologia apenas auxiliaria a multiplicar informações e os relacionamentos, muitos adolescentes nunca estiveram tão desligados do planeta. Parecem abstraídos por seus celulares, deixam de estudar, de se divertir ao ar livre e até de dialogar entre si e com os entes próximos, sem mediação das telas de celulares, fato que tem levado especialistas a atentar pais para o excesso e a falta de gerência dos usuários. De acordo com estudiosos, muitos adolescentes já demonstram indicativo de dependência no uso de aparelho celular conectado à internet, como a queda no rendimento dos estudos, a insônia, a ansiedade, a tensão e o nervosismo sem justificativa aparente (ROSADO; JAGER; DIAS, 2014).

De acordo com o autor supracitado, o impacto da falta de controle da interação do jovem adolescente com o telefone celular já são considerados uma complicação nos quadros de saúde pública no mundo. Dessa forma, este estudo faz-se necessário uma vez que se percebe ser esta uma fase de desenvolvimento e maturação, assim, a presente pesquisa parte da problemática: quais as implicações do uso do telefone celular no comportamento social de adolescentes de uma escola pública de Sete Lagoas, Minas Gerais? Tem-se como hipóteses: o comportamento social do adolescente pode sofrer corrupções significativas na relação com o outro, é possível que apresente agressividade nessa inter-relação, manifestando sentimentos avessos a uma relação passiva e respeitosa com seus semelhantes, em decorrência do uso constante com celular. Outra hipótese é que esse adolescente se apresenta mais indiferente em relação às suas vivências, experimentando as situações que lhe ocorrem com uma reatividade

menor que o esperado para essa fase do desenvolvimento, mostrando-se menos interessado nos acontecimentos cotidianos externos ao celular, ou seja, as manifestações escolares e familiares podem ser vividas com menor intensidade.

A pesquisa apresenta como objetivo compreender os aspectos comportamentais do adolescente a partir de sua interação com o telefone celular. Tem-se como objetivos específicos: caracterizar o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes típicos deste período da vida; descrever comportamentos sociais específicos do uso continuado do aparelho celular na fase da adolescência; compreender a contribuição da Psicologia para possíveis intervenções no comportamento social dos jovens a partir do uso do telefone celular.

A principal justificativa deste estudo relaciona-se ao fato de se basear em um tema atual e presente na sociedade, sobretudo no modo como o adolescente se interage com a tecnologia e, principalmente, com o aparelho celular. A escolha do público adolescente se dá pela importância do desenvolvimento de sua subjetividade, pois é nesse período do desenvolvimento humano que muitas escolhas são efetivadas na construção de seu modo de vida. Os jovens apresentam maiores possibilidades do uso da tecnologia, já que comumente estão em busca da afirmação da sua independência e encontram através do aparelho celular, sentimentos de autonomia e liberdade.

É indubitável entender até que ponto o uso do telefone celular interfere no comportamento social dos adolescentes, ou seja, que tipos de relações esses jovens estão estabelecendo no meio em que vivem. Dessa forma, é imprescindível conhecer os aspectos comportamentais envolvidos nessa fase da vida. A partir desse entendimento, será possível pensar possíveis intervenções junto ao público alvo, no sentido de propor uma reflexão entre os adolescentes sobre as implicações do uso do aparelho celular no seu comportamento social.

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de instrumentos construídos através de duas etapas. Na primeira, foi aplicado um questionário com 12 questões abertas semi-estruturadas e na segunda etapa foi realizado um grupo focal com base nas mesmas questões, com dez participantes, de 15 a 17 anos, do sexo masculino e feminino, do Ensino Médio de uma determinada escola pública da cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil. Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa qualitativa, não se atentando à relevância numérica, mas sim à subjetividade. Dessa forma, a pesquisa trabalha na compreensão de valores, e por favorecer os dados coletados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Quanto à sua natureza, é classificada como descritiva, que tem por finalidade a correta apreensão e o aprofundamento do conhecimento sobre o tema apresentado, relatando características dos fenômenos a serem apurados com o objetivo de um resultado (OLIVEIRA, 2011).

A análise dos dados consistiu na averiguação rigorosa dos dados obtidos no estudo, compreendendo a análise de conteúdo, que se deu em partes: a pré-análise, na qual se realizou a leitura do material para verificar o conteúdo; logo após foi feita a exploração do material, que é dividido em partes determinadas de acordo com seu contexto. O método utilizado foi o dedutivo, buscando, assim, observações, e levando em consideração as experiências adquiridas (LAKATOS; MARCONI, 2009). Os resultados foram apresentados na forma descritiva, com indicadores qualitativos que sirvam para ilustrar as conclusões deste estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DOS ADOLESCENTES

A puberdade é a etapa do desenvolvimento do adolescente entre a fase da infância e a fase para a idade adulta, na qual acontece uma variedade de transformações que afetam os sentidos e o desenvolvimento físico e cognitivo no “jovem adulto”, ou seja, no adolescente, tanto no estado psicossocial, emocional e físico, como em suas relações familiares e sociais. Portanto, estão associadas com o estado de como os adolescentes compreendem definidas circunstâncias, o que pode não condizer com a veracidade real (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

O período da adolescência é compreendido mais como um momento de crise e mudança do que o término de uma fase. É possível perceber o período de transição quando evidenciamos o funcionamento real do conceito que acabaram de contrair, momento que aparece oposição na sua competência na formulação de conceitos e sua capacidade para defini-los. Numa situação concreta o adolescente terá capacidade de formar e utilizar conceitos, mas poderá ter dificuldade em demonstrá-los através de palavras. O adolescente se depara com vários obstáculos ao tentar sobrepor um conceito que formou numa situação específica a um atual conjunto de objetos e circunstâncias em que os predicados compreendidos nesse conceito aparecem em formas diferentes da original (VYGOTSKY, 1998).

A adolescência é constituída de três períodos, sendo que cada uma obtém suas próprias particularidades correlacionadas à conduta do adolescente. O primeiro está relacionado à adolescência prematura (dos 10 aos 14 anos de idade). Descreve-se pelas alterações corporais, resultando a premência de adaptar-se com os novos fatores de seu estado físico, com as inferências psicológicas subsequentes. Decorre uma pretensão de maior

independência em correspondência aos adultos, uma fragmentação psicológica, especialmente das imagens paternas (OLIVEIRA, 2011).

O segundo período está ligado à adolescência mediana (dos 14 aos 16 anos de idade). É a etapa em que surge, principalmente, a ansiedade em relação à sexualidade, a aspiração de lograr a personalidade e o deleite sexual. Desse modo, há uma demanda de relação social e, portanto, a assimilação com os grupos sociais. Já o terceiro está concernente à adolescência extemporânea (dos 16 aos 20 anos de idade). É identificado pela busca de uma personalidade mais madura e adulta, tanto no fato psicossocial como na sexualidade. Nesse momento, inicia a construção de novas relações com os familiares, com os pais e com os desenvolvimentos psíquicos contidos na esfera da fase adulta; há também uma maior compreensão de si próprio e de seu perfil corporal, sendo neste momento semelhante a um estereótipo mais adulto, bem como uma ansiedade com a questão profissional (OLIVEIRA, 2011).

Em correspondência às transformações que se desenrolam nessa última etapa do adolescente, verificamos que aquelas relacionadas ao estado físico são uma das mais significativas e perceptíveis, incluindo no consentimento de um “novo” corpo físico, com transformações que, mesmo sendo aguardadas e pretendidas, são reconhecidas como constrangimentos. O adolescente passa, portanto, a conviver com o descaminho do corpo infante-juvenil, que está se transformando em adulto, pois com um desenvolvimento psicossocial que ainda não segue o corpo e que pode também não ser o que o adolescente ambicionava (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

Dessa forma, outro ponto considerável é a fase em que ocorrem as transformações. Nos garotos iniciam mais ou menos na idade dos 12 anos e finalizando entre os 16 e os 18 anos de idade, ocorrendo, em alguns, a partir dos 10 anos e finaliza, entre outros, aos 20 anos de idade. Nas garotas, o andamento de maturidade começa entre os 10 anos e finaliza entre os 16 anos de idade, ocorrendo, em algumas, dos nove anos e finalizando, entre os 18 anos de idade (OLIVEIRA, 2011).

OS COMPORTAMENTOS SOCIAIS ESPECÍFICOS DO USO CONTINUADO DO APARELHO CELULAR NA FASE DA ADOLESCÊNCIA

Como resultados do crescimento incessante do dispêndio do aparelho celular, existem no planeta, nos dias de hoje, mais de sete bilhões de aparelhos celulares, sendo utilizados, quase se igualando ao número de seres humanos do mundo, de acordo com estudo da União Internacional de Telecomunicações (UIT). Outro fato importante é a atribuição que

países emergentes como o Brasil executam, neste contexto, conforme a União Internacional de Telecomunicações, nestes países estão a grande maioria dos aparelhos celulares em uso por todo o mundo. Conforme a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), o Brasil compilou em julho do ano de 2015, 281,45 milhões de aparelhos celulares com linhas operantes na telefonia móvel e tele densidade de 137,65 admissões por 100 habitantes (ANATEL, 2015).

Percebe-se, pois, que a comunicação tem tomado uma grande proporção na população, ocasionando grandes influências nas relações pessoais, como característica incontestável dos novos padrões comportamentais da contemporaneidade. É preciso entender as vantagens que a tecnologia e a informatização trazem, mas também é importante problematizar seu uso quando este ocasiona perdas de interesse das relações do mundo real. Alterando o tempo para realização das atividades do cotidiano das pessoas, o que colabora para uma grande tendência à desordem. Frente a esses achados, é possível observar que o uso do aparelho celular é maior pelos adolescentes do que pelos adultos, além disso, a necessidade e os motivos da utilização também são diferentes. Enquanto as relações com os pais sofrem consideráveis consequências; entre os grupos de iguais de adolescentes, se intensificam. Eles vivem um momento de separação e diferenciação dos pais, buscam por independência e privacidade, desse modo, o aparelho celular oferece subsídios fundamentais para essa conquista - que é de um ambiente não mais tão familiar (WEIGELT, 2014).

Depois que o telefone celular estabeleceu-se como um utensílio substancial para descomplicar as premências habituais das pessoas, pesquisas sobre a interação com o aparelho celular despertaram-se em diversos campos de estudos. Investigações buscaram entender como a referida tecnologia vem introduzindo-se na sociedade e evidenciando vertentes de comportamento (KING; NARDI, 2014). Diante destas questões, verifica-se que a dimensão do aparelho celular na vida dos adolescentes não é correspondente ao uso de uma pessoa adulta, ou seja, é bem maior a constância do uso do telefone celular. Além disso, são diversas as causas e razões dos adolescentes para fazer uso do celular. Nesse caso, percebe-se que durante o tempo em que as associações se acentuam entre o grupo análogo, o relacionamento com os pais e familiares sofre sequelas significantes. Nesta fase da adolescência, prevalece, entre os jovens, uma premência de apartação e distinção em correspondência aos seus pais e familiares, e, nesse caso, por emancipação e por uma vida privada, o telefone celular apresenta-se como apetrecho essencial para a “supervivência” desses adolescentes nessa atmosfera não mais familiar (CARDOSO; AMOROSINO; NARDI, 2014).

Os cenários mais visíveis e polêmicos para o uso do celular é no meio familiar e na escola. Por um lado, os adolescentes não conseguem mais viver sem o aparelho celular e, por outro lado, pais e professores não sabem como lidar com essa relação. Os pais compreendem que o aparelho celular pode ser um meio de controle sobre o dia dos filhos, assim como, uma alternativa de cuidado e proteção. Nesse sentido, é indubitável uma atenção mais apurada nesse contexto, já que o telefone celular tem se tornado uma grande importância na vida dos adolescentes que gastam maior parte do seu tempo usando o dispositivo (SOARES; CÂMARA, 2016).

Essa é a nova realidade, sendo invadida pelas tecnologias de comunicação grande parte dos adolescentes não sabem comportar-se quanto ao seu uso. O aparelho celular implica na afinidade entre pessoas, mas também serve para afastá-las. Para tudo na vida é preciso uma medida e é a partir da ausência do celular que a utilização excessiva apresenta-se, podendo causar danos em vários campos pessoais, sociais, familiares, profissionais, ambientais, escolares e acadêmicos. A sociedade encontra-se no período das incertezas e alterações. A relação humana poderia ser perdurável, seja em relacionamentos fraternos ou técnicos, mas são irrelevantes como determinados objetos de uso. É o que verificamos na esfera virtual: tudo é usado e descartado com simplicidade (SPEAR, 2016). É possível notar que o telefone celular toma grande parte da vida dos jovens, o que interfere em seus vínculos familiares e sociais (SOARES; CÂMARA, 2016).

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA POSSÍVEIS INTERVENÇÕES NO COMPORTAMENTO SOCIAL DOS JOVENS A PARTIR DO USO DO TELEFONE CELULAR

As inovações tecnológicas de comunicações, como o telefone celular, geram transformações psicológicas na vida dos jovens, as quais proporcionam a nova organização subjetiva. A constante ligação do sujeito com o telefone celular vem revelando respostas boas e ruins, as quais precisam de avaliações constantes. É possível observar uma contínua situação de conforto, segurança e bem-estar de indivíduos que fazem uso do aparelho celular; em contrapartida, nota-se uma dependência exagerada, ocasionando medo e angústia e outros sentimentos relacionados quando esse indivíduo fica na ausência do uso do telefone celular (CARDOSO; AMOROSINO; NARDI, 2014).

No momento em que a sujeição decorre de forma comum é consentido aproveitar as novidades tecnológicas de forma que o sujeito tenha o discernimento de usá-la para o seu

desenvolvimento profissional, nas relações pessoais, nos relacionamentos sociais e outros. A dependência ocorre a partir do comprometimento da vida laboral, coletiva e pessoal deste sujeito; na qual se verifica a implicação indesejável, inicia-se com uma definição de algo perigoso e nocivo (SPEAR, 2016). As indicações que podem decorrer num adolescente como algo positivo: segurança, independência e conveniência, mas também pode fortalecer atos disfuncionais: ansiedade, medo, dependência, angústia e sentimento de recusa, causados quando da impossibilidade de estar conectado à internet móvel ou quando não consegue falar pelo aparelho celular (RIBEIRO, 2017).

A atuação do psicólogo é de suma importância, principalmente na contribuição da prevenção, mas não é uma situação fácil, pois o psicólogo deverá buscar conhecimento e qualificação para esse tipo de demanda. O profissional poderá ajudar o sujeito a ver seus problemas de outra forma, na intenção de promover mudanças, auxiliando a família na questão de informações, como identificar os riscos, como agir com adolescente neste ambiente. É necessário que o psicólogo compreenda toda esta conjuntura em que os adolescentes estão apegados, para entender de que jeito os jovens estão designados pela semântica das intercorrências psicossociais no uso do telefone celular e com que medida isso pode afetar cada um desses adolescentes (FUKUMITSU, 2014).

A atuação do psicólogo diante desse contexto é muito importante, principalmente na contribuição aos atos disfuncionais do adolescente. Uma das abordagens psicoterapêuticas que tem desenvolvido trabalhos na área é a Terapia Cognitiva, derivada dos trabalhos de Aaron T. Beck. Essa abordagem estuda a cognição que se refere aos pensamentos, lembranças e emoções do paciente. Isso significa que o modo como a pessoa interpreta as coisas é que determinará como ela irá agir e pensar. A terapia cognitiva trabalha com pensamentos distorcidos, buscando uma solução para esse problema. Ela se utiliza de técnicas para auxiliar o adolescente a identificar seus pensamentos, desejos, carências, dificuldades, necessidades e entender seu comportamento. O psicólogo auxilia o seu paciente a enxergar seus sintomas alvo para, então, trabalhá-los, promovendo mudanças junto ao adolescente (FUKUMITSU, 2014).

O psicólogo poderá servir de ligação para dar oportunidade de diálogo entre as gerações, contribuindo para evitar obstáculos e dificuldade provocados pelo silêncio entre as famílias. O profissional se posicionará no empenho para que o adolescente aproveite os resultados positivos do aparelho celular sem prejudicar seu comportamento social (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2011).

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de instrumentos construídos através de duas etapas. Na primeira, foi aplicado um questionário com 12 questões abertas semi-estruturadas, e na segunda etapa foi realizado um grupo focal com as mesmas perguntas. O tempo total gasto para a realização das duas etapas foi de uma hora e trinta minutos (1h30). O questionário foi realizado com 10 adolescentes de 15 a 17 anos, do sexo masculino e feminino, estudantes da 1^o e 2^o série do ensino médio de uma determinada escola pública da cidade de Sete Lagoas/MG, a fim de identificar quais as implicações do uso do telefone celular no comportamento social do adolescente. Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que não se ateuve à relevância numérica, mas sim à subjetividade. Dessa forma, a pesquisa trabalha na compreensão de valores, e por favorecer os dados coletados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Quanto a sua natureza, é classificada como descritiva, que tem por finalidade a correta apreensão e o aprofundamento do conhecimento sobre o tema apresentado, relatando características dos fenômenos a serem apurados com o objetivo de um resultado (OLIVEIRA, 2011).

É importante ressaltar que a pesquisa também foi desenvolvida a partir do levantamento bibliográfico, a fim de desenvolver mais conhecimento sobre o assunto. O referencial teórico deste trabalho foi escrito a partir de consulta a livros científicos (através da Biblioteca da Faculdade Ciências da Vida), bem como a periódicos encontrados em bancos de dados científicos - *ScientificElectronic Library Online* (SCIELO), (LILACS); (PEPSIC)-Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS – PSI BRASIL).

A utilização do questionário, como coleta de dados referente à pesquisa de campo, foi desenvolvida para investigar acerca do tema pesquisado. A análise dos dados consistiu na averiguação rigorosa dos dados obtidos no estudo, empreendendo a análise de conteúdo que se deu em partes: a pré-análise, onde se realizou a leitura do material para verificar o conteúdo; logo após foi feita a exploração do material - dividido em partes determinadas de acordo com seu contexto, sendo que, as 12 perguntas referentes ao questionário foram reunidas em quatro categorias e, ao final, foi feita a interpretação em que se faz a captação dos principais elementos do material coletado (BARDIN, 2009). O método utilizado foi o dedutivo, buscando, assim, observações, e levando em consideração as experiências adquiridas (LAKATOS; MARCONI, 2009). Os resultados foram apresentados na forma descritiva, com indicadores qualitativos que sirvam para ilustrar as conclusões deste projeto.

O projeto de pesquisa respeitou o Código de Ética Profissional do Psicólogo, Resolução Nº 010/05, do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2005). Todas as informações adquiridas neste processo estarão sob sigilo, com o objetivo de resguardar e proteger os participantes envolvidos. De acordo com o Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE), todos os participantes têm direito de concordar com as condições e procedimentos envolvidos na coleta de dados ou não. Todo o material coletado permanece guardado sob todos os procedimentos éticos, respeito e sigilo. Além disso, o projeto deste trabalho foi submetido à Câmara de Ensino Pesquisa e Extensão (CENPEX) da Faculdade Ciências da Vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão exibidos os resultados encontrados, assim como a discussão a partir deles. Essa reflexão busca responder à seguinte problemática de estudo: quais as implicações do uso do telefone celular no comportamento social do adolescente?

A primeira questão abordada foi sobre ficar desconectado do celular: “como você se sente quando está desconectado via celular, como: ficar sem carga na bateria, sem crédito, ou esquecer-se de levar o celular consigo?”. Os adolescentes entrevistados serão citados como participantes p1, p2, p3, p4, p5, p6, p7, p8, P9 e p10. O entrevistado p1 descreveu que ficar desconectado “*parece que falta algo em mim.*” O entrevistado p2 relatou “*fico triste, ansioso*”. Já os entrevistados p3 e p9 disseram: “*me sinto sozinho*”. As entrevistadas p4 e p10 responderam: “*me sinto nervosa, inquieta e preocupada*”. O entrevistado p5 respondeu que “*quando a bateria acaba é um saco, tenho que ficar perto da tomada*”. O entrevistado p6 respondeu: “*fico bastante entediado, quando perdi meu celular cheguei a ter febre durante três dias, sem querer fazer nada, eu só ficava dormindo, estou contando os dias para ganhar outro*”. Já os entrevistados p7 e p8 relataram a mesma resposta: “*sinto falta de olhar as mensagens, de conversar com os amigos e entrar nas minhas redes sociais*”.

O uso desregrado do aparelho celular desencadeia comportamentos de dependência, quando os adolescentes se vêem desconectados, vivem momentos de ansiedade e insegurança. Dessa forma, foi possível observar através dos relatos dos entrevistados que a falta do celular causa uma angústia muito grande, levando os adolescentes à dependência do uso, em busca do alívio das emoções negativas. Foi possível observar também no próprio comportamento de alguns entrevistados, que a todo o momento durante a entrevista mesmo sem internet no celular, eles recorriam aos seus aparelhos. Os sintomas de dependências são condições ou

efeitos ruins, psíquicos ou corpóreos, como as mudanças do ânimo, nervosismo, excitabilidade, aflição, estresse. Em situações extremas ocorre grande euforia motora, hostilidade ou neurastenia, que decorrem nos momentos de privação do uso do aparelho celular (MELO 2016).

Nesse contexto, os sintomas se evidenciam, tais como: dependência psicológica, efeitos negativos, intolerância e privação. De acordo com a revisão bibliográfica, o uso do aparelho celular se dispõe a *práxis* mais importante da vida do adolescente, dominando suas concepções, entendimentos e sentidos; o adolescente assimila que nada é provável sem o celular e que tudo desenvolve e circula em torno do uso do aparelho.

A segunda questão abordada trata-se de como eles se comunicam com os amigos: “você fala mais com seus colegas via celular ou costumam se encontrar para conversar?”. Os entrevistados p1, p5 p7 e p9 relataram as mesmas ideias: “*pelo celular, pois não temos tempo*”. Os entrevistados p4, p6 e p10 já relataram “*falamos pelo celular, e quando nos encontramos, até mandamos mensagens instantâneas por aplicativos um para o outro*”. Já os entrevistados p2, p3 e p8 tiveram as mesmas opiniões: “*conversamos muito pessoalmente, mas a conversa acaba virando em celular, a gente fica mostrando vídeos, fotos etc. O celular está sempre no meio da conversa*”.

O uso abusivo do aparelho celular acarreta danos na vida dos jovens como a perda das relações sociais do mundo real, levando o adolescente ao isolamento, dando maior importância aos contatos virtuais. A atitude é persistente, apesar da vontade de alguns adolescentes de controlar e modificar a maneira desse uso constante. Uma vez conectado o aparelho celular à internet e a sites de relacionamentos, o jovem apresenta objeção de interromper o uso do celular, permanecendo muito mais tempo do que realmente pretendia, manipulando várias justificativas para não desligar e delongar desta forma o tempo de utilização do aparelho celular. O desempenho do diálogo real para muitas pessoas vem diminuindo cada dia mais, pois depois que o telefone celular passou a ser aparelhos em que a internet pode ser acessada, as pessoas ganharam inúmeras novas possibilidades de uso (CARDOSO; AMOROSINO; NARDI, 2014).

Outro ponto abordado foi sobre as implicações do uso do celular na família: “como sua família lida com seu modo de usar o telefone celular?”. Os entrevistados p1, p3, p4, p7 e p8 relataram: “*meus pais não se importam, eles também gostam muito, nem podem falar nada*”. Os entrevistados p2, p6 e p10 disseram: “*os meus pais me chamam atenção, porque fico muito tempo no celular e é prejudicial*”. Já os entrevistados p5 e p9 disseram que “*os pais não brigam, pois trabalham o dia todo*”.

O uso exagerado ou abusivo acarreta que o adolescente negligencie os relacionamentos primários com os familiares mais importantes, como as relações com pais, irmãos e demais parentes próximos. É importante ressaltar que através dessas falas dos entrevistados, eles relatam que pais também estão sempre conectados, contudo os familiares poderiam, neste momento, estar juntos, relacionando-se por meio de diálogos. A oportunidade de diálogo serve de ligação entre as gerações, quebrando os obstáculos e bloqueios impostos pelo silêncio (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2011).

A última pergunta apresentada no questionário foi a respeito do uso do celular na escola: “você consegue desligar o celular no horário das aulas? Descreva seu sentimento no caso de não conseguir”. Os entrevistados p2, p4, p5, p6, p7, p8 e p10 responderam da mesma forma “*quando o professor é chato, deixo no silencioso em cima da mesa para olhar quando chega mensagem, quando dá, eu mexo. Tem uma professora que sente o cheiro de celular ligado, ai não dá*”. Os entrevistados p1, p3 e p9 relataram “*ouço música, pois me deixa mais concentrada (a), mas tem professor que briga*”.

O uso do celular tem aumentado a cada dia em sala de aula para fins pedagógicos como ferramenta de ensino e aprendizagem, mas no Brasil ainda existem proibições do uso dos dispositivos pelos professores (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2011). Nesse contexto, foi possível, através dos relatos, identificar que não é o caso dos entrevistados, pois existe a proibição do uso por parte dos professores, e eles utilizam o aparelho de maneira irregular.

A presente pesquisa teve como objetivo identificar quais implicações do uso do telefone celular no comportamento social dos adolescentes. Através dos dados coletados por meio dos relatos e experiências desses adolescentes, foi possível observar durante todo o conteúdo que, na prática, o uso sem medida do celular acarreta implicações negativas no comportamento social dos adolescentes, a saber: a troca do diálogo real pelo virtual, a preferência em ficar sozinho, sentir-se acompanhado através do celular; não conseguir desconectar durante as aulas, sentir o aparelho celular como extensão do corpo. Em contrapartida, os autores Rosado, Jager e Dias (2014) afirmam que o telefone celular facilita a comunicação entre as pessoas e aumenta o ciclo de relacionamentos, independente de onde o indivíduo esteja.

Foi possível identificar através desta pesquisa que o uso do telefone celular é ferramenta importante de comunicação, de trabalho, para aproximar pessoas que estão longe, entre outros benefícios. O presente estudo demonstrou que o mau uso do dispositivo pode trazer implicações negativas no comportamento social do adolescente. Dessa forma, é

plausível pensar em propostas de intervenção, promovendo educação em saúde, bem estar social e mental dos adolescentes, assim como estratégias de prevenção.

Com a inovação tecnológica do aparelho celular surge um novo paradigma, cai por terra a concepção tradicional de sujeito: universal, estável, individualizado. Fala-se, agora, em uma subjetividade fluida, dialógica, múltipla e produzida na linguagem, nas interações com o meio. Num sentido semelhante, o indivíduo não tem questões de constituição, mas de um planejamento. O indivíduo é aquele que se posiciona com perguntas e questionamentos, seja na teoria, seja na prática. A subjetividade é entendida como a capacidade de receber motivação, fazer algo com essa motivação e isso sempre a faz atual. O indivíduo não é apenas um corpo, mas socialmente definido, de possibilidades, sem poder fugir inteiramente da definição social, portanto é uma potencialmente subjetividade (SOARES; CÂMARA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi apresentado nesta pesquisa, foi possível confirmar no levantamento teórico e na pesquisa de campo, quais as implicações do uso do dispositivo celular no comportamento social do adolescente.

Os resultados indicam que os comportamentos sociais dos adolescentes sofrem influências a partir da sua interação com o telefone celular, o que responde às hipóteses deste trabalho, sendo elas: a troca do diálogo real pelo virtual, a preferência em ficar sozinho, sentir-se acompanhado através do celular; não conseguir desconectar durante as aulas, sentir o aparelho celular como extensão do corpo. Ao realizar esta investigação, foi possível perceber que a contribuição do psicólogo tem um papel de suma importância na sociedade. Portanto, o psicólogo precisa buscar mais informação e qualificação para esse tipo de demanda, a fim de promover o bem estar social e mental dos adolescentes.

Espera-se que este artigo seja um ponto inicial de um grande progresso em relação ao tema apresentado e que o psicólogo possa contribuir com estratégias de prevenção, o que fortalece a necessidade de trabalhos multidisciplinares ao lidar com este tipo de comportamento social, como utilizar suas técnicas, ferramentas e estratégias para ajudar na orientação, voltadas para a família, a importância do diálogo entre pais e filhos, na educação de como utilizar o celular sem prejudicar a saúde, facilitando uma relação mais saudável. Dessa forma, o resultado desta pesquisa pode chamar a atenção dos profissionais da Psicologia que têm vivenciado essa experiência. Assim, pode-se pensar em uma reflexão por

parte do público alvo sobre seu comportamento social a partir de sua interação com o telefone celular.

A presente pesquisa limitou-se em uma breve revisão bibliográfica e pesquisa de campo, bem como, a 10 adolescentes, de 15 a 17 anos, da 1ª e 2ª série do ensino médio, de uma escola pública da cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais - MG. Com base no tema estudado, sugere-se uma pesquisa com maior número de participantes, em diferentes escolas, sendo elas privadas e públicas, a fim de ampliar a pesquisa para verificar se ocorrerão resultados diferentes entre uma escola e outra e também nas diferenças nas classes sociais distintas.

REFÊRENCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. Relatório anual de 2015. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documento.asp?numeroPublicacao=342736&assuntoPublicacao=null&caminhoRel=null&filtro=1&documentoPath=342736.pdf>>. Acesso em: 23 de out. 2017.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA. 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf>>. Acesso em: 30 de out. 2017.

CARDOSO, A.; AMOROSINO, I.; NARDI, A. E. Epidemiologia e Aspectos Econômicos. In: KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. (Ed.). *Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do celular?* 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2014. p. 67-73.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO. Resolução CFP nº002/87 de 15 Julho de 2005. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 13 de out. 2017.

EISENSTEIN, E.; B. ESTEFENON. *Geração Digital: Riscos das Novas Tecnologias pra Crianças e adolescentes*, 2011. Disponível em: <http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=105>. Acesso em: 05 de out. 2017.

FUKUMITSU, K.O. *O psicoterapeuta diante do comportamento suicida*. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0270.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2017.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Método de pesquisa*. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 30 de out. 2017.

KING, A. L. S.; BACZYNSKI, T. P.; MENEZES, G. B. A. *Nomofobia e o Transtorno de Fobia Social*. São Paulo: Atheneu, 2014. p. 29-39. Acessado em 08 de nov. 2017.

KING, A. L. S.; NARDI, A. E. A. *O que é Nomofobia? Histórico e Conceito*. In: KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. (Ed.). *Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do celular?* 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2014b. p. 1-28.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. *Os fundamentos de metodologia científica*. 5ª. Edição. São Paulo: Atlas editora, 2009.

MELO, Gisele. A monofobia entre crianças e adolescentes, 2016. Disponível em: <<http://actas.lis.ulsiada.pt/index.php/cipca/article/view/452/441>>. Acesso em: 20 de out. 2017.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. *Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Universidade Federal de Goiás. 2011. Disponível em: <https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_Prof_Maxwell.pdf> Acesso em: 30 de out. 2017.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. Artmed® editora S.A. São Paulo, 2013. Disponível em: <sandrachiabi.com/wp-content/uploads/2017/03/desenvolvimento-humano.pdf>. Acesso em: 21 de out. 2017.

RIBEIRO, Patrícia Terra Machado. *Nomofobia: o transtorno da web no século XXI*. Instituto Delete. 2017. Disponível em: <<http://www.institutodelete.com/>>. Acesso em: 16 out. 2017.

ROSADO, J. S.; JAGER, M. E.; DIAS, A. C. G. *Padrões de uso e Motivos para Envolvimentos em redes Sócios Virtual na adolescência*, 2014. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/28029>>. Acesso em: 22 de out. 2017.

SOARES, Samara S. D.; CÂMARA, Gislene C. V. *Tecnologia e subjetividade: impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes*. Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas.v.1 n.2, 2016.

SPEAR, A. L. *O impacto das novas tecnologias interferindo no comportamento humano*. Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <http://www.sescon-rj.org.br/2016/imagem_arquivo/arquivos/2840.PDF>. Acesso em: 16 maio 2017.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

WEIGELT, Diego; PARMEGGIANI, Brenda. *Usos e modos de ouvir rádio hoje: um estudo de caso da juventude portuguesa*. *Cambiassu: Estudos em Comunicação*. V.19, n.15, 2014.